



UFRPE – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CARLINDO JOSÉ DA SILVA JÚNIOR

**NESSE LIVRO TEM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO EDITAL E DO GUIA
PNLD 2018 E DA COLEÇÃO CENAS DA HISTÓRIA**

RECIFE

2019

Carlindo José da Silva Júnior

**NESSE LIVRO TEM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO EDITAL E DO GUIA
PNLD 2018 E DA COLEÇÃO CENAS DA HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Departamento de História (DEHIST) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Victor Silva

RECIFE

2019

CARLINDO JOSÉ DA SILVA JÚNIOR

**NESSE LIVRO TEM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO EDITAL E DO GUIA
PNLD 2018 E DA COLEÇÃO CENAS DA HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Departamento de História (DEHIST) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Recife, 17 de dezembro de 2019

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Lucas Victor Silva

DEd - UFRPE

Prof.^a. Dr.^a Lúcia Falcão Barbosa

DEHIST – UFRPE (Examinadora Interna)

Prof. Ms. Bruno Barros da Silva

SEEPE – PE (Examinador Externo)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586n Silva Júnior, Carlindo José da
Nesse livro tem quadrinhos: uma análise do edital e do guia PNLD 2018 e da coleção Cenas da História
/ Carlindo José da Silva Júnior. - 2019.
58 f. : il.

Orientador: Lucas Victor Silva.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2021.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Ensino de história. 3. Livro didático. 4. Programa nacional do livro didático. I. Silva, Lucas Victor, orient. II. Título

CDD 909

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a YHWH, o Deus Eterno, a meus pais, Maria José da Silva e Carlindo José da Silva e a meus tios Sílvia e José (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar minha gratidão é para com YHWH, o Eterno, que pela sua bondade e misericórdia infinitas me possibilitaram chegar até aqui, sem Ele eu nada seria.

Agradeço a meus pais, Maria José da Silva e Carlindo José da Silva, pessoas honradas, trabalhadoras e de origem humilde, que com muito esforço dedicaram suas vidas a mim, desde meu nascimento até agora. Fico muito feliz por de alguma maneira corresponder aos anseios e sonhos que vocês depositaram em mim. O que eu sou hoje devo a vocês, muito obrigado por tudo.

Agradeço a minha irmã Cibely Cristina de Holanda, que junto a meus pais estive comigo durante toda a minha vida e me ajudou de diversas maneiras, moldando muito de meu caráter e personalidade. Muito obrigado.

Agradeço a meus tios, Sílvia e José, sinto pelo pouco tempo que tivemos juntos enquanto vocês estiveram vivendo próximos fisicamente, mas fico feliz ao saber que foram bons momentos e que ainda hoje vocês são muito importantes para mim. Tio José, infelizmente não poderei compartilhar novamente da sua presença nesta vida, mas eu sei muito bem em que Deus nós cremos e que Ele está guardando a sua vida até a eternidade.

Agradeço a meus amigos dos tempos de escola, da época do CEBM, guardo no coração os nomes de Renata Melo e Ana Letícia, a amizade de vocês é uma joia inestimável para mim. Muito obrigado pelas longas conversas de todos esses anos e pela paciência que tem para comigo.

Agradeço aos amigos de escola da ETE Alcides do Nascimento Lins, Elias e Eliabe (os gêmeos mais divertidos que já conheci), Hugo (grande geógrafo e primeiro do nosso grupo a concluir a graduação, agora chegou a minha vez de me unir a turma dos graduados), Jamesson (vulgo Panda, ou o contrário, o que preferir), Lucas Ferreira (o próximo do grupo a se formar, espero) e Matheus França (valeu por me emprestar tuas HQs, olha onde isso foi parar. A amizade de vocês não tem preço, muito obrigado por todo o carinho e companheirismo ao longo de todos estes anos.

Agradeço a todos os meus amados irmãos e irmãs da Primeira Igreja Batista em São Lourenço da Mata, sei que a intercessão de vocês em oração contribuiu muito para me sustentar em meio às dificuldades. Dentre esses amados quero agradecer especialmente ao Pastor Daniel Carneiro e sua esposa Jeane Barreto, por todo o carinho e cuidado ao longo desses anos, a irmã Maria José (Zeza) pelo carinho e tempo de oração em meu favor a ponto de eu poder lhe chamar de mãe em Cristo, aos meus amados irmãos Sílvio Araújo e Vicente Andrade, pelos inúmeros ensinamentos que me trouxeram desde a adolescência até aqui e a irmã Sandra Nascimento, muito obrigado pela sua preocupação, atenção e pelas orações que tem feito por mim. Também desejo expressar minha gratidão a Drielly Camille, muito obrigado pelas longas conversas, conselhos e palavras de estímulo, a Maria Luiza, muito obrigado pelo apoio e carinho demonstrado a mim, a Matheus Nicéas e Joana Darck, muito obrigado pela amizade de vocês.

Agradeço aqueles que ao longo do curso me tem sido um esteio e auxílio constante, aos amigos Lukas Andrade e Victor Mesquita, muito obrigado pelo apoio de vocês nos mais diversos momentos, além das excelentes conversas que ajudaram e muito na minha formação humana e percepção sobre a academia, em suma, me fizeram amadurecer como indivíduo. Meu muito obrigado vai também a colegas que de diversas maneiras contribuíram com minha formação humana e profissional ao longo da licenciatura, Varlindo Nascimento (meu quase xará), Caio Leite, André Alves, João Mariano, Vitória Trindade, Gisely Capitulino, Augusto César, José Maciel, Luanna Santos, Emmerson Berto e outros que de alguma maneira eu possa ter me esquecido, por favor me perdoem e fica aqui meu muito obrigado. Dentro desta seara também incluo aos colegas que pude conhecer através do Residência Pedagógica: Gustavo Folena, Jaci Lima, Willams Augusto e Wesley Anderson.

Agradeço aos professores e professoras com quem tive contato durante a graduação e que contribuíram com minha formação, seja aqueles da licenciatura ou mesmo os que conheci por meio de programas como o Residência Pedagógica, aqui faço menção a Nilson Castelo Branco, a convivência com ele me trouxe importantes lições sobre a vida e docência.

Agradeço a banca examinadora, composta pela professora Lúcia Falcão e pelo professor Bruno Barros, por aceitarem o convite e se colocarem a disposição de avaliar e contribuir com o meu trabalho, muito obrigado.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer de forma especial ao professor Lucas Victor, por aceitar me orientar e, com paciência, me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho, me ensinando e dedicando seu tempo, com ele aprendi inúmeras lições que levarei para o resto da vida, receba aqui meu muito obrigado.

Soli Deo Gloria

“A qualidade de nossas vidas só depende do que fazemos! Os únicos limites da aventura são os da nossa imaginação!”

Patinhas MacPato em **A Saga do Tio Patinhas** *por* Keno H. Don Rosa

RESUMO

O presente trabalho monográfico analisa a presença das Histórias em Quadrinhos em dois documentos governamentais e uma coleção de livros didáticos: o Edital e o Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018 e a coleção Cenas da História, voltada para o Ensino Médio. Por meio da análise de conteúdo são observadas em primeiro lugar, como as Histórias em Quadrinhos aparecem no Edital, de que forma ele faz defesa à sua presença nas propostas de coleções didáticas. Em segundo lugar são analisados os três volumes da coleção Cenas da História. Usando o livro do estudante e do professor são verificadas as formas como aparecem e são utilizadas as narrativas gráficas sequenciais no ensino de História, para isso serão descritos e analisados as HQs existentes na coleção (aquelas pertencentes a mesma e HQs oriundas de outros locais de produção), suas propostas de atividade e as instruções trazidas para o professor no manual a ele dedicado. São utilizadas na abordagem as seguintes categorias: uso da HQ como ilustração, uso da HQ como fonte histórica, HQ que favorece o protagonismo docente e HQ que favorece o protagonismo discente. O último objeto de análise é o Guia do PNLD 2018, no tocante a sua avaliação e sugestões de uso coleção didática analisada anteriormente. Ao fim da pesquisa são apresentados e discutidos os resultados obtidos, como também são feitas sugestões visando o aperfeiçoamento dos documentos e do material didático estudado.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos, Ensino de História, Livro didático, Programa Nacional do Livro Didático.

ABSTRACT

The present monographic work analyzes the presence of Comics in two government documents and a collection of textbooks, the Notice and the Guide to the National Textbook Program (PNLD) of 2018 and the **Cenas da História** collection, focused on high school. Through content analysis are observed first, as the Comic Stories appear in the Notice, how he defends their presence in the proposals of didactic collections. Secondly, the three volumes of the Scenes of History collection are analyzed. Using the student and teacher books, the ways in which they appear and the sequential graphic narratives are used in the teaching of history are described and analyzed in the collection (those belonging to it and comics from other production sites), its activity proposals and the instructions brought to the teacher in the manual dedicated to him. The following categories are used in the approach: use of comic books as an illustration, use of comic books as a historical source, comic books that favor the teaching protagonism and comic books that favor the student protagonism. The last object of analysis is the PNLD Guide 2018, regarding your assessment and suggestions for use didactic collection previously analyzed. At the end of the research, the results are presented and discussed, as well as suggestions made for the improvement of the documents and the didactic material studied.

Keywords: Comics, History Teaching, Textbook, National Textbook Program.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - PRIMEIRA PÁGINA DA HQ CAÇADORES DE HISTÓRIA	32
FIGURA 2 - QUADRINHO EXISTENTE NO INTERIOR DO CAPÍTULO	35
FIGURA 3 - QUADRINHO EXISTENTE NO INTERIOR DO CAPÍTULO	35
FIGURA 4 - QUADRINHO EXISTENTE NO INTERIOR DO CAPÍTULO	36

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - EMERGÊNCIA DAS HQS AO LONGO DOS TRÊS VOLUMES DA COLEÇÃO CENAS DA HISTÓRIA28

TABELA 2 - TIPOS DE EXERCÍCIOS PRESENTES NA SEÇÃO AMPLIFICADOR E OUTROS EXERCÍCIOS DE ACORDO COM O USO DA HQ.....36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. HISTÓRIA EM QUADRINHOS E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTADO DO CONHECIMENTO.....	16
3. ANÁLISE DO EDITAL PNLD 2018, COLEÇÃO CENAS DA HISTÓRIA E GUIA PNLD 2018.....	22
3.1. ANÁLISE DO EDITAL PNLD 2018.....	22
3.2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PROPOSTA GLOBAL DA COLEÇÃO.....	23
3.2.1. A ESTRUTURA DA COLEÇÃO.....	26
3.2.2. COMO A HQ É TRAZIDA NO CONTEXTO DA COLEÇÃO?.....	27
3.2.3. A PRESENÇA E OS USOS DA HQ NO LIVRO DIDÁTICO DO ESTUDANTE E DO PROFESSOR.....	29
3.2.3.1 O PRIMEIRO ESPAÇO DE ANÁLISE: A HQ ARTICULADORA DO VOLUME E PRESENTE AO LONGO DAS UNIDADES.....	30
3.2.3.2. O SEGUNDO ESPAÇO DE ANÁLISE: A SEÇÃO AMPLIFICADOR E OUTROS EXERCÍCIOS.....	37
3.2.3.3. O TERCEIRO ESPAÇO DE ANÁLISE: LABORATÓRIO DE PROJETOS.....	46
3.2.3.4. O QUARTO ESPAÇO DE ANÁLISE: A PRESENÇA DE HQS COMERCIAIS.....	48
3.3. ANÁLISE DO GUIA DO PNLD 2018.....	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
5. FONTES.....	56
6. REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

As Histórias em Quadrinhos, ou simplesmente, HQs, são um produto cultural com forte presença em nossa realidade, inclusive escolar, utilizadas de forma ampla em vestibulares, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), presente nas bibliotecas e, claro, nos livros didáticos. Um estudante de nossos dias dificilmente conseguiria imaginar esses dispositivos e materiais da educação básica sem ao menos uma tirinha de jornal, precursora das HQs, no entanto, essa presença é recente na história de nossos materiais didáticos, sendo possível datá-la a partir de meados da década de 1970.

É exatamente sobre essa emergência e mais ainda o uso que é feito das narrativas gráficas sequenciais – termo cunhado a partir dos estudos dos quadrinistas e pensadores da área Will Eisner (1989) e Scott McCloud (1995) para se referir a esta expressão artística – nas coleções didáticas de História que nosso trabalho se debruça. Procuramos por meio desta pesquisa, contribuir de alguma forma para preencher essa lacuna nos estudos sobre ensino de História e HQs, que mesmo já alcançando determinada abrangência acadêmica, não conseguiram abarcar com profundidade este aspecto do campo.

A organização de nosso trabalho dá-se inicialmente por meio de uma pesquisa tipo estado do conhecimento/da arte, onde apresentamos alguns dos principais trabalhos que pensam a relação das Histórias em Quadrinhos com o Ensino de História, do início do século XXI até os mais recentes.

Em seguida, nosso enfoque será em analisar o Edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018, ao qual a coleção foi submetida e posteriormente aprovada, procuramos em seus critérios de avaliação itens que corroborem para o uso das HQs nos livros didáticos e de que forma elas devem ser abordadas (como ilustração, como fonte histórica, dentre outros usos possíveis). Temos plena consciência das peculiaridades desse instrumento de aprendizado escolar, o quão importante é entender o contexto de sua produção, especialmente no tocante as forças que exercem poder e estabelecem as regras que compõem sua estrutura, neste caso o Governo Federal por meio do Ministério da Educação, como bem nos explica Alain Choppin (2004, p. 561), é impossível analisar o conteúdo de um livro didático sem levar em conta esses aspectos.

A parte central de nossa análise se dará, contudo, em torno da coleção **Cenas da História**, a forma como a HQ aparece e é utilizada nos livros didáticos do estudante e do professor, o conteúdo destes materiais será analisado de acordo com a metodologia de Laurence Bardin (1977). Estudaremos o livro didático a partir de suas funções referenciais, instrumentais e documentais, conforme é pontuado por Choppin (2004, p. 553). Este manual didático nos chamou a atenção, dentro dos vários disponíveis dentro do PNLD para o Ensino Médio de 2018 devido a sua proposta bastante incisiva no uso das HQs, que servem como elemento de condução e integração entre os capítulos e unidades da obra, buscando por meio desta expressão artística uma maior proximidade com o estudante, que é o seu público-alvo.

Noutro momento nosso trabalho se concentrará em observar na avaliação da coleção feita pelo Guia do PNLD 2018, o que lhe chamou atenção esse livro didático, as diferenças existentes entre ele e os demais e as possibilidades de uso dessa coleção em sala de aula pelo professor de História.

Já tendo encerrada essa análise trataremos de expor seus resultados, ao mesmo tempo em que pretendemos elaborar sugestões no intuito de contribuir com melhorias para a prática pedagógica com as Histórias em Quadrinhos, na esperança que sejam utilizadas em toda a sua potencialidade no ensino-aprendizagem da História.

2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTADO DO CONHECIMENTO

No Brasil, a pesquisa sobre a nossa temática é ainda recente sendo os trabalhos de maior destaque e profundidade produzidos nos últimos quinze anos. Entretanto, nota-se um aumento significativo das pesquisas e produções sobre a temática, no formato de artigos científicos, livros, teses e dissertações. Neste capítulo, iremos realizar um estudo do tipo estado da arte ou estado do conhecimento, o que significa que se trata tipo de pesquisa de caráter bibliográfico, cuja intenção é mapear e discutir a produção acadêmica em determinados campos, observando como determinados aspectos vêm sendo tratados em diferentes períodos, lugares e produções científicas diversas, como dissertações de mestrado, teses de doutorado e publicações em periódicos, dentre outros (FERREIRA, 2002, p. 257).

A nossa busca concentrou-se em algumas das principais plataformas e repositórios institucionais, como o de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a plataforma EduCAPES, bem como o acervo do periódico acadêmico digital **História Hoje**. O critério para a seleção dos textos envolveu a busca nos respectivos portais eletrônicos através dos descritores: ensino de História, quadrinhos e história em quadrinhos.

Podemos dizer que a primeira obra que convida pesquisadores e pesquisadoras brasileiros a abordar o tema foi **Como usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula** organizado por Angela Rama e Waldomiro Vergueiro, editado pela primeira vez em 2004 e que compõe uma coleção publicada pela editora Contexto, cujo objetivo é trazer para docentes em exercício e em formação, das mais diversas áreas do conhecimento, propostas de atividade envolvendo linguagens alternativas, tais como o cinema, a música, o teatro, dentre outras.

Nesta obra há um capítulo dedicado ao uso dos quadrinhos no ensino de História, de autoria de Marco Túlio Vilela, o pesquisador propõe inúmeros usos da nona arte nas salas de aula, desde o ensino de noções como temporalidade e passagem de tempo até a discussão de anacronismos e auxílio na melhor compreensão de determinados períodos históricos. O autor amplia estas reflexões em sua dissertação de mestrado, concluída em 2012, quando abordou a utilização das histórias em quadrinhos no ensino de História, nela estão presentes diversas

propostas de trabalho com os mais diversos gêneros de narrativa gráfica sequencial, obtidas através da análise de conteúdo das obras selecionadas.

Outra obra de relevância é a dissertação de mestrado em Educação de autoria de Selma Bonifácio (2005), também encontrada por meio do repositório de teses e dissertações da Capes. Esta pesquisa já traz significativas diferenças de enfoque e problemática quando posta ao lado daquelas já mencionadas anteriormente. A autora partiu em busca da compreensão do conhecimento histórico presente nas narrativas gráficas.

A pesquisadora optou por analisar a coleção **Você sabia?**, oriunda da Maurício de Sousa Produções, na qual os personagens da Turma da Mônica, um dos quadrinhos mais difundidos no Brasil, emulam diversas passagens da História do Brasil que se conectam a datas comemorativas, tais como o Descobrimento e a Independência do Brasil, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Selma Bonifácio ensejou, nesta coleção, identificar e formular hipóteses sobre a articulação entre os saberes históricos escolares com aqueles oriundos de outros locais de aprendizado.

Em sequência, usando o mesmo mecanismo de buscas, obteve-se o acesso a dissertação de mestrado em Educação, de autoria de Marcelo Fronza, defendida em 2007, aqui é possível delinear conexões entre as produções científicas, pois este pertence a mesma instituição de Selma Bonifácio, e ambos lidam com a perspectiva teórica da educação histórica e os quadrinhos como objetos portadores de conhecimento histórico. A pesquisa de Fronza vai estudar as histórias em quadrinhos no sentido de como elas são tratadas pelos manuais didáticos de História, o desenvolvimento de ideias históricas dos estudantes a partir do contato com essas narrativas e, por fim, a elaboração de uma metodologia de uso das HQs em sala de aula, tendo como fundamento a Educação Histórica. Nesta dissertação o autor traz uma pesquisa sobre como as HQs aparecem em livros didáticos de História utilizados na rede pública estadual do Paraná, construindo uma ficha de análise que pudesse verificar como essas narrativas são utilizadas, se como documento histórico ou ilustração, bem como as estratégias didáticas propostas pelos manuais. Embora não seja o ponto central do seu trabalho, este esforço é importante pelo que se propõe a realizar.

No ano de 2010, numa publicação conjunta, Edilson Chaves, Adriana Sobanski e Marcelo Fronza trazem uma proposta de trabalho com HQs nas aulas de História, seguindo os passos da dissertação de mestrado deste último. Numa primeira parte é feita uma conceituação dos quadrinhos, abordando aquilo que foi teorizado por quadrinistas como Will Eisner e Scott McCloud, enquanto que na segunda parte é analisada uma experiência de pesquisa-ação desenvolvida com estudantes do ensino básico a partir de leitura de trechos de **Asterix e Cleópatra**, HQ da dupla René Goscinny e Albert Uderzo, respectivamente, roteirista e ilustrador.

Acompanhamos então um lapso temporal nas produções acadêmicas analisadas, somente em 2012 identificamos novas pesquisas, a já mencionada dissertação de Marco Túlio Vilela e a tese de doutoramento do outrora citado Marcelo Fronza, defendida neste mesmo ano, trabalho que tem sua origem, de acordo com o próprio autor, nas experiências vividas durante o exercício profissional e que dá continuidade aquilo que foi desenvolvido durante o mestrado.

O ponto central desta pesquisa é a entender o processo de formação da cognição histórica situada e pensamento histórico por meio daquilo que eles expressam a partir da leitura e produção de histórias em quadrinhos. Empregando duas diferentes narrativas gráficas, uma delas coproduzida por uma historiadora, que retratam um mesmo episódio da História do Brasil, os estudantes desenvolveram suas próprias narrativas e responderam a um questionário. As conclusões da pesquisa foram tomadas tendo como base aquilo que foi respondido e produzido, tendo como finalidade aperfeiçoar a abordagem da aprendizagem histórica nas salas de aula.

Passemos para um outro *lócus* de pesquisa, o periódico digital **História Hoje**. Por meio do sumário das edições foram selecionados artigos que se encaixaram na temática estudada. Publicado em 2015, de autoria de Marcelo Fronza, o artigo **As Narrativas Históricas Gráficas como Expressão da Aprendizagem Histórica de Jovens Estudantes do Ensino Médio** é um desdobramento da sua tese de doutoramento, já comentada. No texto o pesquisador se debruça em analisar as narrativas históricas gráficas produzidas por estudantes de ensino médio oriundos de quatro diferentes cidades brasileiras, a intenção é identificar os diferentes níveis de consciência histórica que eles detêm por meio dessas narrativas. Fronza também põe como conceito a ser analisado o de imagens canônicas dos fatos históricos, aquelas

que são amplamente difundidas, consolidadas e que, por vezes, guardam em si visões estereotipadas.

Pedro Pio Fontineles Filho, em artigo publicado em 2016, na mesma revista, estudou a relação da História com a Literatura e como isso pode ser colocado em pauta nos cursos de licenciatura em História, de forma que os futuros professores possam fazer as devidas pontes entre as linguagens. Sua perspectiva é influenciada pelas propostas de Waldomiro Vergueiro e Marco Túlio Vilela, nesta pesquisa ele analisou uma HQ produzida com a temática da história do estado do Piauí, mas que também se relaciona com o processo de independência do Brasil, Fontineles Filho levantou questões sobre a presença/ausência de personagens fora do eixo dos “grandes da história”, assim como a forma de abordar as HQs em sala de aula, dando ênfase a seu uso como fonte histórica.

Já texto de Douglas Mota Xavier de Lima, publicado em 2017, reafirma uma posição de defesa do uso das Histórias em Quadrinhos como instrumento pedagógico por meio de um retrospecto na produção científica que contempla a temática. O autor parte de um período em que as HQs ainda eram vistas com certa desconfiança, citando o pioneiro no estudo dessa arte aplicada ao ensino, Álvaro de Moya, até publicações da última década, como a de Waldomiro Vergueiro e Angela Rama. No ensino de História, Douglas Lima menciona Marco Túlio Vilela, Selma Bonifácio e Luís Fernando Cerri que vão defender o uso de histórias em quadrinhos como componentes importantes para a construção do conhecimento histórico dos estudantes, ao irem muitas vezes, além do documento oficial. O autor contemplou em seu texto, diversas HQs e possíveis abordagens a serem feitas em sala de aula, com o professor lançando mão dos diversos gêneros existentes para adequar-se à temática estudada.

De pronto, podemos concluir este breve estado do conhecimento discutindo a recente produção de dissertações de mestrado do programa ProfHistória, onde foi possível encontrar alguns trabalhos que abordam a temática das Narrativas Gráficas ligadas as salas de aula de História. Essas produções foram encontradas por meio de buscas na plataforma EduCapes.

Tivemos acesso então a dissertação de autoria de Mateus Bertolino, **Das HQs à imaginação histórica**, defendida em outubro de 2018. Este trabalho foi desenvolvido a partir da sua própria prática como professor do ensino básico, sendo

ele um docente que usa os quadrinhos em suas aulas. O recorte de sua pesquisa é o uso de HQs de super-heróis, no caso específico da pesquisa o personagem *Superman*, da DC Comics, como proponentes para diálogos sobre diversos temas, como sistema político, ideologia, fome e desigualdade, etc., a serem desenvolvidos com os estudantes. As narrativas gráficas trarão novas experiências para os estudantes e lhes servirão como suporte ao desenvolvimento de uma imaginação histórica, conceito fundamental do seu trabalho e que encontra suporte em autores como Paul Ricoeur, R. G. Collingwood e Hayden White.

Outro trabalho que nos serve de exemplo e nos permite perceber a proficiência dessas novas produções é a dissertação de mestrado em Ensino de História de Roberta Marcelino Veloso, também defendida em 2018. Seu principal aspecto é a confecção de uma HQ com finalidade didática, tomando por base a obra historiográfica **Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista** de Sandra Lauderdale Graham. Através da adaptação, Roberta Veloso deseja trabalhar em sala de aula as temáticas de gênero, patriarcado e cultura escravista no Brasil oitocentista.

O corpo da dissertação traz um panorama histórico dos quadrinhos nacionais e reflete também sobre o papel da produção em trazer uma abordagem feminista e a participação feminina para os quadrinhos nacionais. O produto, uma narrativa gráfica, conta com um enorme material adicional: informações sobre o período histórico, perfil dos personagens, roteiro de atividades, cronologia e glossário. Composto um material bastante completo e colocado à disposição dos professores do ensino básico para a utilização em sala de aula.

Produções acadêmicas ricas e abrangentes, que trazem novas perspectivas para o uso de HQs nas salas de aula de História, como as de Mateus Bertolino e Roberta Veloso mostram uma vasta seara de possibilidades disponíveis para todos aqueles que se debruçarem sobre esta temática.

A importância das HQs também pode ser demonstrada pela sua presença constante (ou onipresença) nos livros didáticos do PNLD em todas as etapas da escolarização básica. Eles aparecem em atividades de consolidação das aprendizagens, questionários inspirados nas perguntas do ENEM, em atividades de interpretação de imagens, na abertura das unidades ou mesmo no corpo do texto como fontes históricas para serem analisadas. Diante da importância dos Livros

Didáticos na cultura escolar brasileira, à exceção da pesquisa empreendida por Marcelo Fronza (2007) não encontramos outros trabalhos que analisassem de forma mais aprofundada a presença das HQs nestes que são o principal material didático presente nas escolas brasileiras.

É nesta lacuna que nosso trabalho se insere, ao pôr em discussão neste espaço de produções científicas em expansão a análise da presença das narrativas gráficas nas coleções de História do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio.

3. ANÁLISE DO EDITAL E DO GUIA PNLD 2018 E DA COLEÇÃO CENAS DA HISTÓRIA

3.1. Análise do Edital do PNLD 2018

Faz-se necessário que antes de iniciarmos a incursão pela coleção propriamente dita, dediquemo-nos a compreender a presença dos quadrinhos nos livros didáticos de História, algo que provém dos mecanismos que regulam e selecionam os livros didáticos a serem distribuídos nas escolas públicas de todo o país. Tal instrumento é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O PNLD surge em meados da década de 80 sob o governo do presidente José Sarney, ele não é, no entanto, a primeira tentativa do Estado brasileiro de promover a produção e distribuição de livros didáticos nas escolas, conforme explica a pesquisadora Flávia Caimi (2014, p. 4), mas se diferencia das experiências anteriores quando estabelece avaliações pedagógicas a serem realizadas periodicamente, com base em critérios cada vez mais rigorosos.

Esses critérios estão descritos no edital, cujo alvo são as editoras de obras didáticas que submetem suas coleções as normas e ao escrutínio dos avaliadores do PNLD. Na estrutura do documento estão dispostas as regras que devem ser seguidas pelas obras a fim de que sejam aceitas, há aquelas de caráter global (todos os livros didáticos são a elas submetidos) e outras específicas para as áreas do conhecimento. Nossa análise se concentra nestas últimas regras, no que se refere à disciplina de História, nesses critérios avaliativos buscamos identificar aqueles que abrem a possibilidade ou mesmo preconizam a presença ou não das Histórias em Quadrinhos nos manuais didáticos.

Nos princípios e critérios de avaliação para a História, subitem 3.2.1.1.3 do edital (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015, p. 43), o documento fala da renovação historiográfica e suas reverberações no ensino da disciplina, dentre outros aspectos essas questões levaram ao uso de novas linguagens, contudo, nem sempre essa abordagem é feita de forma aprofundada, aqui é possível que mencionemos o uso acríptico da HQ, meramente como ilustração. Dito isto o texto do documento vai tratar do uso de fontes históricas diversas, em origem e tipologia, com o objetivo de analisá-las em seu contexto de produção, autoria e perspectiva que apresentam, abrindo possibilidades a construção do conhecimento histórico em sala de aula.

Ao fazermos a leitura dos critérios eliminatórios específicos do componente curricular História, subitem 3.2.4 do edital (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015, p. 46-47), há uma enumeração de diversos itens, dentre eles destacamos o **I** e o **V**. No **I** há menção ao uso de variadas fontes, citando o termo “charges”, embora esse conceito não equivalha à HQ a charge é um dos elementos formadores dos quadrinhos, um modelo de representação do ser humano com a finalidade de fazer com que o leitor se familiarize com a história e seja transportado para ela, conforme bem define Scott McCloud (1995, p. 42). Já no item **V** refere-se ao diálogo com a cultura juvenil, que devem perpassar as atividades, o texto principal e os complementares, nesse quesito as HQs também se veem incluídas, já que são artefatos comuns aos jovens estudantes, seja na sua forma original ou por meio de adaptações em outros meios de comunicação.

Quanto aos critérios eliminatórios do Manual do professor o documento do PNLD, subitem 3.2.4.1 do edital (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015, p. 47-48), contém dois itens que destacamos, o primeiro (item **e**) é a exigência de textos de apoio ao estudo e análise de imagens como um recurso didático para o ensino. No segundo (item **g**) temos uma menção direta aos quadrinhos, ao se falar de sugestões de materiais complementares para o docente, com a função de dar suporte e ampliar as propostas de atividades do livro didático do estudante.

Estas observações nos levam a concluir que sim, o edital do PNLD exige das editoras a presença de trabalhos envolvendo linguagens como as Histórias em Quadrinhos. Não somente com o intuito simplista de ilustrar o conteúdo e deixar o texto didático menos cansativo, mas de servir como meio de aproximação à cultura juvenil e proporcionar diferentes análises sobre determinado conteúdo histórico, a partir de fontes históricas diversificadas. Estabelecido isso, daremos continuidade a esta pesquisa, movendo nosso olhar para a coleção didática.

3.2. Descrição e análise da proposta global da coleção

Editada pela Palavras Projetos Editoriais (editora que, conforme consta em seu *site*¹ tem como visão fortalecer uma trajetória alternativa para os livros escolares) registra como autor Cândido Grangeiro, referenciado como Bacharel em História,

¹ <http://palavraseducacao.com.br/>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

Mestre em História Social, ex-professor de História no ensino básico e superior, além de editor de obras didáticas e paradidáticas.

Na apresentação feita ao docente, por meio do manual que lhe é destinado, a obra **Cenas da História** nos permitiu identificar alguns dos principais eixos teóricos e metodológicos que declaram definir a sua proposta didática. Através da leitura do manual do professor, pudemos compreender aquilo que os autores que pensam sobre o Ensino Médio, a disciplina de História e a aprendizagem histórica, trazemos a seguir os resultados deste estudo.

A proposta de Ensino Médio defendida pelo livro didático declara basear-se nos documentos oficiais que regulam esta etapa da educação básica e compartilhar a visão de uma formação do jovem para o mundo do trabalho e exercício ativo e consciente da cidadania. Ao mesmo tempo fala sobre o desafio dos professores, que é estimular os estudantes a buscar e construir o conhecimento. Como também levá-los a valorizar o próprio Ensino Médio como um meio de melhor prepará-los para o futuro, facilitando o ingresso no mercado de trabalho e a melhoria das condições de vida (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 292-293).

A coleção elabora um panorama histórico da disciplina escolar onde são postas em perspectiva as práticas adotadas durante a maior parte da história das instituições escolares brasileiras. No século XIX, a história escolar privilegiou uma formação intelectual e humanista, enquanto no século XX a ênfase passa a ser a formação do Estado-nação. Já o atual currículo contrapõe-se a essas abordagens e tem como finalidade formar um estudante capaz de pensar historicamente e de forma crítica, compreendendo a sociedade em que vive por meio do conhecimento daquelas que a precederam, pensando nos processos de ruptura e permanência, de modo a realizar sua própria leitura da realidade (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 294-295).

O manual investe no compromisso com a construção da *aprendizagem significativa*, conceito formulado pelo pesquisador David Ausubel. O ensino, portanto, deve estar pautado na realidade e na articulação entre os conhecimentos prévios e os novos, distanciando-se da simples memorização de conteúdos (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 295).

As duas principais perspectivas da ciência histórica contempladas no Manual do Professor giram em torno da assim chamada história-problema, sendo mencionado o nome de Marc Bloch, e da história social britânica, especialmente a visão teórica de

autores como Eric Hobsbawm e Edward Palmer Thompson. Compreende-se a História como um saber que parte do presente rumo ao passado mediante práticas investigativas e levando em conta as diferentes temporalidades e valorizando os sujeitos históricos (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 295-296).

Segundo o autor, a importância da interdisciplinaridade reside na possibilidade de contextualizar o conhecimento. Diante da complexidade da realidade, as áreas do conhecimento/disciplinas devem dialogar, mantendo, porém, sua identidade. O trabalho interdisciplinar, no entanto, deve ser algo desenvolvido pelo professor de acordo com a realidade escolar, com o auxílio de seus colegas e materiais didáticos, consciente das possibilidades e limites (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 296-298).

A avaliação da aprendizagem é o último ponto abordado nesta primeira parte do manual. Ela é contemplada como um processo inserido no ensino-aprendizagem, não a sua finalidade, cujas implicações se estendem aos atores escolares, como o professor, o estudante, os pais ou responsáveis e a instituição de ensino. As atividades avaliativas, segundo a perspectiva do material didático, devem ser pensadas em conjunto com os estudantes, por meio da exposição dos objetivos a serem alcançados com determinados conteúdos (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 298-299).

Diante do que acabou de ser apresentado, podemos tecer algumas conclusões. O autor busca nesta introdução evidenciar que o conteúdo de sua obra está em conformidade com os principais documentos curriculares oficiais (as Diretrizes Curriculares Nacionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio), e com o edital do PNLD 2018 portanto, não havia uma Base Comum Curricular homologada para o Ensino Médio.

Quando demonstra estar alinhado com uma historiografia atualizada e de caráter pluralista, que permita a inclusão de diferentes sujeitos, temporalidades e espaços, o livro didático busca apresentar-se adequado como um auxiliar importante para o professor de história diante da complexa realidade brasileira.

Esta é uma das principais características dos manuais didáticos quando postos ao lado de outras obras. O modo tanto como ele se apresenta para chamar a atenção do docente quanto àquilo que a obra lhe oferece (do ponto de vista do conteúdo e do aporte pedagógico), afim de que ele opte por tê-la em sala de aula, em detrimento de quaisquer outras que ele tenha analisado durante o processo de escolha. Este apelo

mercadológico é bem pontuado por Circe Bittencourt (2008, p. 311-312), o convencimento do professor é um fator muito importante, pois sua escolha garante o sucesso editorial e continuidade da obra.

3.2.1. A estrutura da coleção

O livro mantém o tradicional formato cronológico e linear da história (Pré-história e Idades Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea) ao longo dos três volumes, contudo, este é ligeiramente quebrado por meio de boxes, quadrinhos e outras ferramentas dentro do texto didático que trazem dinamismo a leitura, ao estabelecerem relação de determinados períodos e acontecimentos ocorridos em outros espaços geográficos e temporalidades (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 300-301).

Logo que abrimos o livro e avançamos para a sua primeira unidade nos deparamos com seu maior diferencial diante de outras coleções didáticas, na abertura há uma História em Quadrinhos. Seu papel é introduzir o conteúdo histórico a ser trabalhado, mas também de trazer a discussão elementos que direcionam para determinada linguagem e produção cultural que recebe um enfoque especial em cada um dos três volumes, são estas: cinema, música e imprensa, respectivamente.

De acordo com o manual didático, esta HQ mobiliza os conteúdos prévios dos estudantes, lhes instiga a curiosidade e faz refletir sobre aspectos do conteúdo histórico (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 303). As personagens destes quadrinhos, por diversas vezes dialogam entre si e com o estudante ao longo dos capítulos, como também fazem ligação com as atividades, por meio da seção “De Olho na HQ”, e com o encerramento das unidades na seção “Laboratório de projetos”, esta última envolve propostas de trabalho mais amplas com a turma, empregando a produção cultural tema da HQ, mais adiante abordaremos estas questões de forma detalhada, dentro de nossa proposta de análise.

Sobre os já mencionados boxes, que estão inseridos nos capítulos, há seis tipos, seus conteúdos envolvem características do conhecimento histórico (conceitos, termos, métodos, interpretações, etc.), leitura e interpretação de imagens, tecnologia, uso do passado em produções culturais, relacionar o conteúdo com a história do

Brasil, e dicas de outros materiais além do livro didático (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 304-305).

Uma seção específica presente em cada unidade é denominada “Mundo do trabalho” e como o próprio nome indica seu objetivo é mostrar aos estudantes diferentes formas de como o trabalho se apresentou ao longo do tempo histórico, em diversas profissões, técnicas e sujeitos históricos (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 305-306).

As atividades estão organizadas da seguinte maneira, além daquelas que servem para introduzir o assunto principal da unidade e que se relacionam com a linguagem que permeia o volume, “Para pensar o cinema/a música/a imprensa”, há também as que se referem ao conteúdo central do capítulo e ao texto de apoio da abertura do mesmo, chamadas “Pense e Responda”. Já no final dos capítulos há uma seção específica para atividade, a “Amplificador”, que traz atividades extraídas/adaptadas de vestibulares do ENEM, seção “Prepare-se”, atividades que levam os alunos a relacionarem com a HQ de abertura ou algum quadrinho existente dentro do capítulo “De Olho na HQ” e produzirem materiais de caráter alternativo, dando vazão à liberdade criativa dos estudantes (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 306-307).

As três últimas seções de atividades são “História em movimento”, que aborda as mudanças na sociedade, de forma que o estudante perceba o processo dinâmico da história, “Pelas lentes da História”, trata de algum tema importante do capítulo através da dimensão cultural e “Conexão”, que guarda uma função interdisciplinar, pensando determinado conteúdo estudado ao lado de outras áreas do conhecimento (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 306-307).

3.2.2. Como a HQ é trazida no contexto da coleção?

Chegamos então ao ponto de partida de nossa discussão, de que maneira este material didático trata a HQ, o que ele diz sobre ela e seu papel como ferramenta didática para o ensino de História. Devemos levar em conta aquilo que dissemos anteriormente, o grande diferencial da coleção **Cenas da História** está em trazer as HQs como ferramenta estruturante de sua obra, ajudando a desenvolver a proposta geral dos volumes. Aqui podemos citar manuais didáticos de História pioneiros no uso

de HQs como aquele produzido por Julierme de Abreu e Castro, bem comentado por Selma Bonifácio (2005, p. 91-95), que também produziu narrativas gráficas com o objetivo de tornar o ensino da disciplina mais atrativo, mesmo com suas limitações apontadas por Bonifácio em sua pesquisa, esta obra destacou-se graças a seu caráter inovador dentre os manuais tradicionais de sua época. **Cenas da História**, podemos comentar desta forma, pode ser entendida como uma evolução da obra de Castro ao trazer HQ já mais sofisticadas e próximas aquilo que se vê nas narrativas gráficas existentes no mercado atual.

Ainda no Manual do Professor, ao tratar das possibilidades da coleção, há um subtítulo voltado para os recursos didáticos. Há aqui dois tópicos que nos interessam bastante, o primeiro refere-se ao trabalho com imagens realizado pelos historiadores, o segundo volta-se especificamente para as Histórias em Quadrinhos.

No primeiro, o autor nos traz um breve estado do conhecimento de como as imagens vêm sendo tratadas pelos historiadores ao longo do tempo. Desde a época em que foi menosprezada por se distanciar das narrativas da história política e econômica, até sua valorização decorrente das transformações na historiografia, que deram lugar a aspectos como a cultura. É feita também uma síntese do progresso da metodologia de análise das imagens, como aqueles que defendiam uma análise do seu conteúdo, aqueles que levam em conta a inserção da imagem dentro de determinada cultura (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 311-312).

Já no segundo temos também um pequeno panorama histórico de como as histórias em quadrinhos passaram de objetos culturais desvalorizados, associados à informalidade até aos poucos se tornarem ferramentas didáticas aceitas e difundidas, inicialmente no aprendizado da Língua portuguesa. Logo o autor apresenta um pouco da história das HQs no Brasil, desde o século XIX e sua difusão e massificação ao longo do século XX, encerrando com uma defesa desta linguagem como forma de aproximar o conhecimento escolar da realidade dos estudantes, através do poder de síntese detido pelas narrativas gráficas, onde o conteúdo imagético e escrito se mesclam (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 312).

Nestas passagens é sintetizado o pensamento do autor didático sobre as narrativas gráficas, a importância do seu uso em sala de aula e nesta coleção. No entanto, o autor pouco comenta sobre as potencialidades da HQ em relação especificamente ao ensino de História, que são múltiplas, tendo em vista as

características dessa forma de expressão artística. O autor concentra-se apenas nos quadrinhos como meio de aproximação entre o conteúdo da disciplina e o aluno. Pois bem, os estudos envolvendo as narrativas gráficas dão ênfase não somente a isto, mas também aos elementos intrínsecos dos quadrinhos, como a passagem de tempo através dos quadros, o uso de expressões como “mais tarde...”, “enquanto isso...”, que auxiliam na compreensão de noções relativas ao tempo. Assim como os quadrinhos como fonte histórica para se compreender determinado período da história, o que pode ser visto em obras como **As Aventuras de Tintim** de Hergé, entre outros tipos de abordagem, como bem tratado por Túlio Vilela (2005, p. 107-112; 116-120). Outro ponto nos quais podemos questionar e criticar é a ausência de sugestões de leituras sobre HQ como arte e seu uso em sala de aula (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 313-314).

3.2.3. A presença e os usos da HQ no Livro didático do estudante e do professor

Agora que já apresentamos tanto o panorama geral da coleção, sua proposta e a forma que ela pensa as Histórias em Quadrinhos alcançamos o ponto central de nossa pesquisa, que é a análise do conteúdo didático desta coleção, no tocante ao estudante e ao docente.

Para fins de análise, resolvemos considerar as maneiras através das quais o HQ aparecia na coleção investigada. Então, organizamos a análise em 4 espaços de emergência do HQ: a HQ articuladora do volume e presente ao longo das unidades; a HQ nos exercícios do livro didático seções **Amplificador** e **De olho na HQ**; a HQ nos **Laboratórios de projetos**; e, finalmente, as menções a HQs comerciais, indo além daquela produzida para a coleção.

Antes de começar, porém, é necessário trazer ao conhecimento as categorias que elaboramos no intuito de facilitar a realização deste trabalho, elas foram inspiradas na pesquisa realizada por Marcelo Fronza (2007), onde o autor estabelece categorias semelhantes, a partir delas desenvolvemos aquelas que melhor se adequaram a nossos objetivos. São elas:

- Do ponto de vista das concepções pedagógicas sobre a HQ: HQ como ilustração; a HQ como fonte histórica.

- Do ponto de vista didático-pedagógico: a HQ como recurso didático para ensino e protagonismo docente; a HQ como recurso para aprendizagem e protagonismo discente.

Confeccionamos também uma tabela, na qual inserimos os dados referentes à aparição nos quatro espaços de emergência da HQ que elegemos anteriormente, ao longo dos três volumes.

Tabela 1 – Emergência das HQs ao longo dos três volumes da coleção **Cenas da História**.

	HQ articuladora do volume e no interior dos capítulos	HQ na seção Amplificador e outros exercícios	HQ no Laboratório de Projetos	Menções HQs Comerciais no texto didático
Vol. 1	17	14	3	1
Vol. 2	17	12	3	0
Vol. 3	15	10	3	0
Total	49	36	9	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

Uma rápida observação nos permite ver que há uma clara redução na presença da HQ ao longo dos 3 volumes. Não detectamos motivação clara para esse fenômeno, mas é possível supor, porém, que no caso do terceiro volume isto é decorrente do próprio conteúdo ser reduzido em relação aos demais, com menos capítulos.

3.2.3.1 O primeiro espaço de análise: a HQ articuladora do volume e presente ao longo das unidades

já comentamos, o primeiro espaço de emergência é a "HQ articuladora do volume e presente ao longo das unidades". Ela perpassa toda a coleção, na abertura

das unidades e também, de forma mais discreta, por meio de alguns quadrinhos, ao longo dos capítulos.

Assim como cada volume procura concentrar seus projetos a uma determinada linguagem, a "HQ articuladora" segue este mesmo ritmo, cada volume ela traz novos personagens, tramas e ambientação, voltados para as temáticas do cinema, música e imprensa. No entanto, o que há em comum nos personagens está relacionado à sua faixa etária, todos podem ser enquadrados como jovens, caracterização que pode estar relacionada à intenção de gerar simpatia dos estudantes, que assim possam se sentir mais confortáveis e capazes de interagir com a narrativa.

No primeiro volume os personagens da narrativa gráfica são jovens que estão começando a carreira como produtores de cinema, na primeira unidade eles discutem a temática e o enredo daquele que será seu primeiro filme. Buscando contar as origens do Brasil eles acabam decidindo produzir uma narrativa cinematográfica sobre o naturalista e explorador dinamarquês Peter Lund, que no século XIX veio ao Brasil e descobriu inúmeros achados do período pré-histórico. Nota-se logo na trama dos quadrinhos a intenção de apresentar de uma forma diferente o conteúdo da pré-história, um dos primeiros a ser contemplado pelo livro didático e, além disso, iniciar os estudantes no aprendizado do cinema, preparando-os para outras atividades a serem realizadas. Achamos por bem colocar a seguir a primeira página deste quadrinho, afim de reforçar aquilo que já falamos.

Figura 1 – Primeira página da HQ Caçadores de História



Fonte: Coleção Cenas da História (Vol. 1, p. 8)

As duas sequências da HQ dão prosseguimento à história da recém-fundada produtora, primeiro com uma nova ideia de roteiro de filme, que trate da forma com que os povos pensam sobre si próprios e sua relação com os outros, com o objetivo de discutir o etnocentrismo e, por último, os personagens produzem uma série de filmes educativos e dialogam sobre as transformações ocorridas no Ocidente num mesmo período, citando as grandes navegações e as reformas religiosas. Ambas as histórias apresentam articulação com o conteúdo programático do livro: a primeira comentada precede os capítulos que abordam as sociedades e civilizações africanas, asiáticas e americanas, enquanto que a segunda prepara o caminho para os conteúdos das expedições marítimas e a era das reformas.

Na continuidade da coleção, no segundo volume, a linguagem a ser trabalhada é a música, mais especificamente a música popular. A primeira história nos apresenta o personagem principal, Gui, um jovem apresentador de um programa de rádio cujo

foco é música popular. É trazido à discussão a presença de elementos africanos em diversos gêneros musicais, como o jazz, blues e bossa nova e como isso retrata a história da própria América. A temática da HQ corresponde a temática deste volume, que tem início a partir da idade Moderna, o que inclui o processo de colonização das Américas pelos europeus, e se estende até o começo do século XIX.

Ao longo do volume, as demais histórias de abertura apresentam situações onde as personagens debatem e vivenciam questões relativas à música negra, chegando a conclusões de que se trata uma fusão de diversos traços culturais, europeus, indígenas e africanos, fruto das relações que existiram entre esses grupos no continente americano. A última HQ tem como título “Sarau combativo”, referindo-se a um evento realizado no bairro do protagonista Gui, onde diversos moradores apresentam números musicais, entre eles estava um grupo de músicos de *rap*, que levam Gui a refletir sobre este gênero e suas ligações com o *blues* do começo do século XX, chegando à conclusão que, tais como as transformações dos gêneros musicais perpassam o tempo, a História prossegue e está longe de alcançar seu fim. Estas últimas duas HQs dialogam com o conteúdo didático da seguinte maneira: em primeiro lugar por tratarem do pluralismo cultural existente na América e que tem raízes na formação deste continente, durante a colonização, com ênfase na população de origem africana; em segundo lugar ao mostrarem no evento do sarau combativo é trazida a questão da luta por melhores condições de vida, presentes nas composições de *rap*, algo que é relacionado à Revolução Francesa e aos movimentos de independência nas Américas.

No último volume, a linguagem abordada nas HQs e nos projetos é a imprensa, nestas histórias o protagonista é o personagem Carlo, um estudante de Direito que com seus colegas produz uma revista eletrônica de política e cultura, denominada “A Lanterna”. Na primeira história somos apresentados ao personagem e seus amigos, bem como podemos acompanhar quando ele conversa com três operários aposentados que vão em busca do seu auxílio quanto a receberem reparações por terem sido torturados pelo Estado no passado, eles fazem então um relato de suas experiências durante o regime civil-militar no Brasil. A partir daí Carlo tem a ideia de produzir um novo número da revista, cujo foco seja trazer as memórias das pessoas que foram oprimidas durante este período.

As HQs subsequentes seguem este enredo, na segunda Carlo e seus amigos debatem a proposta do protagonista e iniciam uma conversa sobre a democracia brasileira, seu desenvolvimento ao longo da história, ao fim do diálogo eles concluem que a construção da nossa democracia foi lenta e passou por diversas interrupções, no entanto, ainda buscamos um Estado no qual todos possam participar ativamente. A decisão dos escritores de “A Lanterna” é produzir uma revista com a temática da construção da democracia e liberdade no Brasil.

A terceira e última história em quadrinhos tem a trama desenvolvida durante a festa de lançamento da edição pensada anteriormente, nela estão presentes membros da Comissão Nacional da Verdade, que explicam seus papéis como investigadores dos casos de violação dos direitos humanos durante os regimes de exceção no Brasil, assim como pessoas que sofreram as agruras destes regimes ditatoriais. Quando da entrada de antigos atores do Centro Popular de Cultura, atuante durante o período civil-militar, a HQ traz um parêntese a história que vinha sendo contada e mostra primeiro uma entrevista, provavelmente fictícia, do artista Chico Buarque de Hollanda, onde este fala sobre suas atividades neste período histórico e como esquivou-se da repressão. Após um trecho da peça de teatro *Pequenas histórias de um tempo sem liberdade*, que faz uma apologia à democracia, os personagens encerram a narrativa gráfica reforçando a mensagem da produção teatral.

Podemos notar que no volume final a HQ possui uma temática mais uniforme, com um enredo mais linear (acompanhamos o surgimento de uma ideia para a revista, a discussão e desenvolvimento e seu lançamento), focado na defesa dos direitos civis, da democracia e da liberdade de expressão. No entanto, esta mesma característica faz com que ela tenha um diálogo atrelado com a história do Brasil no século XX, uma nação em busca da construção de uma democracia plena ao longo do período republicano, sem deixar de trazer indicações do seu transcorrer na atualidade. A HQ articuladora traz uma intenção de estar ligada às questões contemporâneas.

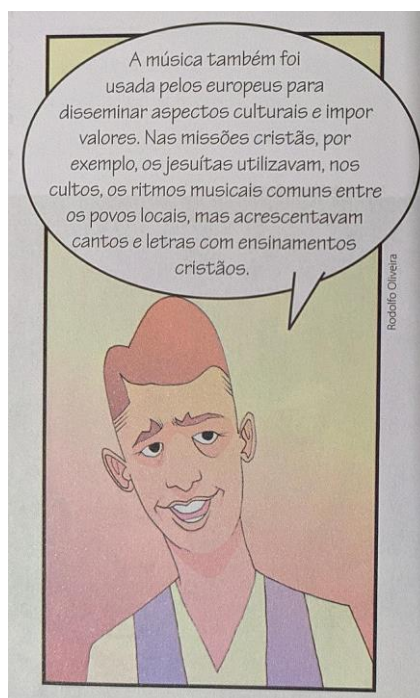
Afora as HQs que iniciam a unidade, estas personagens aparecem de forma recorrente ao longo dos capítulos junto ao texto didático, elas dialogam entre si e com o conteúdo, trazem novas informações e pontos de vista sobre um tema, assim como quebram a quarta parede e conversam com o estudante, enriquecendo a experiência do leitor. Para exemplificar esta fala trazemos aqui três exemplos, extraídos de cada um dos volumes, dessas aparições dos quadrinhos:

Figura 2 – Quadrinho existente no interior do capítulo



Fonte: Coleção Cenas da História (Volume 1, p. 112)

Figura 3 – Quadrinho presente no interior do capítulo



Fonte: Coleção Cenas da História (Volume 2, p. 95)

Figura 4 – Quadrinho presente no interior do capítulo



Fonte: Coleção Cenas da História (Volume 3, p. 35)

O manual do professor traz indicações bastante uniformes ao longo dos três volumes em relação ao uso que o professor pode fazer das HQs de abertura em sala de aula, afora a leitura em conjunto com a turma. Aquelas que identificamos foram: Estimular os estudantes a darem continuidade às ideias dos personagens durante a narrativa sequencial, selecionar temas mencionados na HQ e debatê-los com a turma, promover a pesquisa por parte dos estudantes ou o uso em sala de aula de elementos presentes nas histórias e produção de textos relacionados com o enredo das histórias.

Numa análise destas "HQs de abertura" podemos realizar inferências que servem como ponto de partida para entender seu papel e suas possibilidades para a prática docente. Elas atendem muito bem o objetivo de apresentar e desenvolver as linguagens adotadas ao longo dos volumes, trazendo informações, curiosidades, sua relação com a história e informando o passo a passo de sua produção (no caso do cinema e da imprensa). Além disso, a articulação com os conteúdos didáticos de cada volume é bem realizada, mesmo no caso em que a HQ esteja bastante voltada para seu próprio enredo (no terceiro volume), as personagens possuem uma linguagem próxima do público escolar e tem o potencial de aproximar os estudantes das temáticas. Como por exemplo, motivando-os a pesquisar mais sobre temáticas e conteúdos históricos, assim como, por meio das discussões, fortalecer o aprendizado de valores como a democracia, a cidadania, respeito aos direitos humanos, o pluralismo cultural, dentre outros.

No entanto, tecemos críticas a este material quanto a alguns aspectos internos, como também das sugestões de utilização fornecidas pelo manual do professor. O primeiro ponto que podemos mencionar é relativo às próprias HQs. Notamos um predomínio de protagonistas masculinos. Ainda que haja a participação de personagens femininas, esta é reduzida, apenas no interior dos capítulos, nos quadrinhos que dialogam com o texto didático que sua participação ocorre com mais frequência. Do ponto de vista de como o livro instrumentaliza o professor para o uso deste material podemos criticar as curtas e por vezes limitadas sugestões, mesmo quando sugerem algo voltado para a produção textual ou fazem ligação com outras linguagens, o que pode tornar esse material que contém riqueza pedagógica em um artigo subutilizado.

Devido a seu caráter de agente incentivador e introdutor do conteúdo didático as HQs de abertura de Unidade se aproxima mais do uso da HQ como ilustração, embora seja necessário dizer que isso não a torna menor. Este uso é feito de forma bastante refinada, já que o material apresenta uma riqueza característica, ao propor articular linguagens como cinema, música e imprensa com o conhecimento histórico e dialogar com o estudante, apresentar-lhe novos conhecimentos e chamá-lo à pesquisa, com base em nossas leituras a HQ cumpre estes propósitos. Na categoria de usos pedagógicos das Histórias em Quadrinhos, percebemos que tanto o protagonismo docente quanto discente estão presentes na HQ, o professor exerce um papel ativo no momento em que auxilia os estudantes na leitura e sugestão de ações a serem realizadas a partir das narrativas gráficas sequenciais, enquanto que o estudante é chamado a interagir com a narrativa e os elementos nela presentes.

3.2.3.2. O segundo espaço de análise: a seção Amplificador e outros exercícios

O centro de nossa análise agora se dirige para a emergência da HQ na seção de exercícios da coleção, assim denominada **Amplificador**, como já tratamos quando descrevemos a estrutura da coleção esta é a parte final dos capítulos, que contém exercícios de diversos tipos (questões abertas, de múltipla escolha, extraídas e adaptadas de vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio). A HQ não é deixada de lado e tem aqui uma seção dedicada especialmente para si, **De Olho na HQ**, de acordo com o próprio manual do professor estas atividades buscam fazer uma

ponte com as histórias em quadrinhos de abertura de unidade e presentes no meio dos capítulos. Também observamos, contudo, de maneira mais pontual, dois boxes que contém exercícios nos quais a confecção de HQs se faz presente, achamos, por bem também realizarmos uma análise nessas outras ferramentas do livro didático.

Diante daquilo que apresentamos na Tabela 1, podemos ver que as HQs têm uma presença significativa nos exercícios. Resta-nos então responder de que forma elas são citadas e quais as propostas de atividade. Observamos e então classificamos as modalidades de exercício, sempre em busca de contemplar uma maior diversidade possível, foram elas: aqueles que fazem conexão direta à HQ de abertura ou dentro dos capítulos; os que envolvem a confecção de histórias em quadrinhos; e, por último, as que fazem a referência a outras obras de arte sequencial para além daquelas que compõem a estrutura do livro didático. Com esses dados elaboramos uma outra tabela, apresentada a seguir:

Tabela 2 – Tipos de exercícios presentes na seção Amplificador e outros exercícios de acordo com o uso da HQ

	Conexão com a HQ da Unidade e Capítulos	Confecção de Histórias em Quadrinhos	Uso de outras HQs além das que compõem o livro didático
Vol. 1	11	3	1
Vol. 2	7	4	1
Vol. 3	6	2	1
Total	24	9	3

Fonte: Elaborada pelo autor.

O primeiro tipo de exercício é o mais comum. De pronto pode-se destacar o total de suas aparições quando comparado ao demais e por vezes ele se confunde com o segundo tipo (que aparece majoritariamente na mesma seção, **De Olho na HQ**), por razões práticas para esta análise, achamos por bem fazer esta separação,

mais artificial. Citaremos, então, alguns exemplos existentes na coleção, um em cada volume, todos eles constam na seção **De Olho na HQ**, que por sua vez está inserida num conjunto maior de exercícios, a seção **Amplificador**.

No volume inicial selecionamos já o primeiro exercício, presente no final do capítulo um (p. 30). A atividade requer que o estudante releia a HQ de abertura e produza um texto que relacione as pesquisas do arqueólogo Peter Lund (figura histórica real mencionada pelas personagens) com o desenvolvimento das ideias evolucionistas. O manual do professor faz um breve comentário sobre a intenção da atividade, que é de fato estabelecer conexões entre o enredo da HQ e o conteúdo estudado, valorizando sobretudo o caráter da narrativa gráfica de mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes. No final é sugerido ao professor que, se possível, peça aos estudantes que façam uma permuta dos seus trabalhos.

Selecionamos também um exercício do primeiro capítulo (p. 25) quando de nossa leitura do volume dois, cujo tema da HQ é a música popular. A partir de um quadrinho existente dentro do capítulo, onde dois personagens têm a ideia de fazer um programa sobre a música na época das monarquias absolutistas, o livro didático propõe três exercícios: que o estudante releia a HQ de abertura e faça uma caracterização das personagens e do enredo, em seguida ele deve analisar as principais características do programa de rádio apresentado nos quadrinhos, e, finalmente, produzir uma ementa para um programa sobre a música na época do absolutismo.

O livro do professor reafirma aquilo que vimos na atividade anterior, que a intenção desta proposta é retomar a HQ de início de unidade e relacioná-la ao conteúdo histórico do capítulo. Nos dois primeiros exercícios o manual apenas descreve as respostas às perguntas, enquanto que no terceiro ele traz observações, expectativas e sugestões para o professor no tocante ao produto a ser feito. Espera-se que os estudantes discriminem a música cortesã daquela dos ambientes populares, com o objetivo de seguir as características do roteiro da HQ. Como sugestão ao professor está a indicação de dois artigos acadêmicos sobre a música do período, este, por sua vez, pode apresentar esses textos aos estudantes.

Por fim, a última atividade deste tipo que analisamos está no terceiro volume, capítulo seis (p. 104). O livro didático parte de quadrinhos dentro do capítulo, onde determinado personagem ao ver o desenrolar da história do Império do Brasil e seus

momentos de ascensão e crise, questiona a si próprio sobre o processo histórico, se esse, de fato, se constitui não em um sobe e desce, semelhante a uma gangorra. Essa mesma questão será discutida em grupo pelos alunos, que levarão em conta dois fatores lançados pela atividade: as permanências da sociedade colonial na atual sociedade brasileira e as mudanças no cenário mundial, no âmbito econômico e político. Um ponto de destaque é que junto da questão há um outro quadrinho no qual uma personagem traz uma fala no tocante a dificuldade de realizar-se mudanças rumo a melhorar a sociedade quando se há tantas permanências, seus questionamentos levam a uma outra direção, de uma história de eterna continuidade, sem rupturas.

O manual didático, na parte voltada para o docente, sugere que este prepare um tempo razoável para a realização da atividade, para que a classe possa discutir as relações entre presente e passado, ao mesmo tempo em que possa pensar na reverberação de acontecimentos externos na realidade brasileira.

Através destas três análises podemos fazer algumas considerações quanto ao emprego das HQs nestas atividades. Em verdade o material esclarece que a HQ inicial é relembrada com o intuito de tecer elos com o conteúdo curricular, mas quando presenciamos uma ponte feita com os quadrinhos que estão ao lado do texto didático há diferenças, pois aqui os personagens agem trazendo inquietações, opiniões e questionamentos sobre o conteúdo que podem ser as mesmas dos jovens estudantes. O pesquisador Waldomiro Vergueiro (2005, p. 28-29) chama à atenção para esta característica dos quadrinhos que pode ser utilizada no fortalecimento do aprendizado, isso é o que visualizamos quando da análise destas atividades na coleção. As propostas, de forma geral estimulam o protagonismo do estudante, como bem deve ser já que se tratam de atividades que tem como prioridade o desenvolvimento das suas capacidades em relação aos conteúdos da disciplina. Aqui o estudante encontra espaço, através da elaboração destes diferentes materiais, de expressar aquilo que aprendeu e aprimorar seus conhecimentos.

Uma crítica que pode ser apontada nestes usos dos quadrinhos de abertura é a restrição das produções a materiais de caráter textual, ainda que possuam características alternativas, no caso da ementa para o programa radiofônico. Ressalta-se que na descrição da seção **De Olho na HQ**, presente na proposta geral da coleção, seu objetivo é justamente incentivar a expressão dos estudantes em formatos diferentes do usual.

Nossa análise agora estará voltada para as atividades que envolvam a "confecção de HQs", elas estão presentes ao longo dos três volumes e selecionamos aquelas que julgamos mais representativas, tanto pelo que está no livro do estudante quanto no do professor.

A princípio selecionamos aquela que é a primeira de toda coleção, no volume dedicado ao 1º ano do ensino médio, ela possui um destaque especial em relação as que vem adiante, o motivo será trazido a seguir. Esta atividade está localizada no capítulo dois (p. 43) do já referido livro, as proposições pedem que os estudantes realizem uma pesquisa sobre a linguagem das histórias em quadrinhos e suas características, em seguida eles devem produzir uma HQ onde se narre o processo de povoamento do que viria a se tornar o território brasileiro.

No manual do docente encontramos um material bastante interessante, além da explicação sobre o porquê da atividade, há um texto complementar que aborda a temática dos quadrinhos na educação, trata-se do excerto de uma entrevista da pesquisadora Sônia Luyten à TV Escola, trata-se de uma das pioneiras no estudo dos quadrinhos no Brasil. Na entrevista a pesquisadora fala das potencialidades das HQs como ferramenta para o ensino, dando ênfase ao processo de leitura dos quadrinhos, que por ser uma linguagem descontínua estimula a imaginação do leitor, de forma que este deva preencher os vazios a fim de compreender a narrativa.

A presença desse texto no manual é importante do ponto de vista da nossa análise, pois podemos perceber a preocupação do autor didático em reforçar para o professor por meio das pesquisas sobre o uso dos quadrinhos na educação, a importância da HQ, a fim de estimulá-lo a conhecê-la mais a fundo e sinta-se à vontade em desenvolver trabalhos que envolvam os quadrinhos na sala de aula.

Ainda no volume um, a atividade da seção **De Olho na HQ** do capítulo sete (p. 123) traz de início um quadrinho com os personagens da HQ de abertura da Unidade, a partir do diálogo que eles constroem os estudantes, reunidos em equipe, devem descrever as rupturas e permanências percebidas com o fim do mundo romano. Noutro exercício os estudantes devem elaborar uma tira em quadrinhos que represente os conceitos da questão anterior no período estudado, é ressaltado que o quadrinho deve ser de cunho humorístico. A última parte da atividade consiste no compartilhamento das produções, através de recursos digitais.

No manual, o professor recebe apenas informações em torno da função da atividade e das expectativas das respostas dos alunos, assim como a sugestão de organização de um mural em sala de aula para expor as tiras produzidas pelos estudantes.

Dando prosseguimento agora iremos dar destaque às atividades presentes no segundo volume. A princípio, nos deslocamos para uma atividade que está fora da seção **Amplificador**, inserida dentro do capítulo sete, compondo o boxe **O Estudo da História** (p. 116). Constituída de um texto sobre os aldeamentos, ela propõe três exercícios, no primeiro o aluno deve identificar elementos do texto como os sujeitos históricos, sua origem e papel na formação no Brasil, em seguida ele deverá confeccionar uma HQ sobre a importância das ordens religiosas na colonização brasileira, ao fim de tudo essa narrativa gráfica deverá ser compartilhada com os demais componentes da classe, por meio das redes sociais.

O conteúdo do manual traz sobre essa atividade as possíveis respostas ao primeiro exercício, quando da confecção da HQ é sugerido que o professor possa usar como exemplo para os estudantes aquela do próprio material didático, para a proposta final de compartilhamento das produções o professor pode a posteriori estimular os alunos a fazerem, se necessário, correções em sua narrativa gráfica, reescrevendo-a.

Não observamos, contudo, sugestões de leitura ou textos de instrumentalização do professor ou mesmo do estudante, no que se refere aos elementos constituintes de uma História em Quadrinhos, como elaboração de roteiro, enquadramento, balões, composição de cena, dentre outros. A ausência de instruções torna mais difícil o trabalho do docente, que diante do desconhecimento e carga de trabalho muitas vezes excessiva, pode simplesmente desistir da ideia de produzir uma narrativa em quadrinhos com seus estudantes. Mesmo o estudante pode se sentir paralisado diante de uma proposta para o qual não tem a devida orientação, o que se torna pior quando ele não tem acesso a meios de pesquisa, como, por exemplo, a *internet* ou bibliotecas.

Mais adiante, no capítulo oito, a seção **De Olho na HQ** (p. 138) traz uma atividade em grupo onde os alunos, munidos dos conhecimentos adquiridos no estudo do capítulo produzirão uma história em quadrinhos na qual eles retratarão o cotidiano das pessoas escravizadas. Cada equipe ficará responsável por produzir 2 páginas de

HQs que ao final serão reunidas em um único gibi sobre a temática. No livro do professor, é sintetizada o porquê da atividade, assim como orientações que o professor pode dar aos estudantes, que estes organizem a HQ a fim de que esta se assemelhe a uma rotina diária da pessoa escravizada, sugerindo também que eles observem o tópico Vida de Cativo no mesmo capítulo para obterem mais informações. A compreensão final da atividade é, segundo o autor didático, obter diferentes modelos de interpretação do mesmo conteúdo, como também um exercício de aprendizado da construção da narrativa histórica.

Do terceiro volume escolhemos mais duas atividades, uma na seção **De Olho na HQ** (Cap. 1, p. 21) e a outra presente no boxe **Cenas do Mundo** (Cap. 3, p. 48). A primeira segue o modelo de atividades que já analisamos, a partir do quadrinho de um diálogo entre personagens em que se refere às grandes transformações ocorridas no século XIX: o livro didático sugere que de forma coletiva os estudantes elaborem uma HQ de página única que retrate a Europa deste século. Posteriormente as diferentes produções da turma serão expostas na sala de aula. Também traz sugestões de como o docente pode orientar os alunos na confecção de HQs em diferentes temáticas e que ao final possam ter como produto um único gibi da turma em que o século XIX seja apresentado de um modo cronológico. Esse material seria depois doado a biblioteca da escola.

Já o boxe mencionado constitui-se em um texto sobre as representações do burguês e do operário criadas durante o oitocentos, no geral estereotipadas. A atividade consiste no aluno produzir uma HQ sobre patrões e empregados e seus modos de agir no período destacado. O livro do docente traz as intencionalidades da atividade, bem como o suporte ao exercício pedagógico, de acordo com o material professor deve buscar, se necessário, apoio nas áreas de Linguagens e de Artes para a realização das HQs, e, concluída a atividade, organizar uma exposição dos trabalhos para o restante da comunidade escolar.

Findas estas análises podemos formular algumas conclusões acerca dessas atividades. A princípio podemos elogiar a distribuição mais ou menos equitativa entre os três volumes, cada um conta com pelo menos duas sugestões de exercícios envolvendo a produção de narrativas gráficas, embora o número possa ser pequeno em decorrência da pretensão da coleção de trabalhar com as HQs, com mais trabalhos seria possível, inclusive, acompanhar os avanços e/ou recuos do narrar dos

estudantes ao longo do ano letivo de uma forma mais consistente. Também é importante ressaltar o papel dessas iniciativas como promotoras do protagonismo dos alunos, incumbidos da tarefa de narrar, à sua própria maneira, os fatos e personagens históricos.

Um ponto que merece ser colocado em discussão é a relativa ausência de uma reflexão sobre o significado dessas produções como atividades para a avaliação das aprendizagens, tanto no livro do estudante quanto aquele voltado para o docente. O professor, apesar de instado a analisar essas narrativas como forma de identificar se os estudantes apreenderam determinados elementos e conceitos históricos, não é instrumentalizado de forma suficiente em como orientar os estudantes sobre as especificidades da linguagem e em como ela pode ser aproveitada no ensino de História, isto pode ser constatado na ausência de textos complementares ou sugestões de leituras mais aprofundadas sobre a temática. Essa carência pode tornar essas atividades numa mera forma de ocupar os estudantes trazendo uma abordagem nova, no entanto, de maneira pouco aprofundada, o que pode acarretar em um desestímulo por parte do alunado, diante de uma tarefa que pode ser desafiante e complexa que é a produção de uma narrativa em quadrinhos.

Como solução a essa carência a coleção didática deveria incluir não somente textos de apoio oriundos da literatura acadêmica, como também links para vídeos ou artigos *on-line*, bem como programas de computador gratuitos que auxiliam quaisquer indivíduos, mesmo leigos no assunto, a produzir sua própria História em Quadrinhos.

A produção dessas narrativas históricas gráficas, como bem ressalta Marcelo Fronza (2015) pode ser uma ferramenta importante para o desenvolvimento de uma consciência histórica mais complexa por parte dos jovens estudantes, que ao terem a oportunidade de narrarem por si próprios determinados acontecimentos históricos, a partir de sua intersubjetividade, pressupostos próprios somados aqueles que são apreensíveis em seu ambiente sociocultural. O que permite se desprenderem das narrativas oficiais e imagens estereotipadas acerca destes fatos, a fim de construir a noção de que há múltiplas perspectivas históricas para determinado fato.

O último tipo de exercício a ser descrito e analisado é aquele que envolve outras HQs além daquelas originais da coleção, mas que também não trata da escrita de narrativas gráficas. Localizamos três exemplos na coleção referentes a estas características, distribuídos entre os três volumes.

O primeiro exemplo está no primeiro volume, onde na seção **História em Movimento** (Cap. 11, p. 188) é apresentada a HQ Persépolis, de autoria de Marjane Satrapi. Após um abreviado texto que contém a biografia da autora e sinopse da obra a atividade pede que o estudante realize uma pesquisa sobre a obra e, se possível, assista à animação produzida a partir dela. Noutras questões, a serem respondidas em grupo, os alunos devem discutir as representações existentes na obra e são levados a refletir em como seria a obra caso a autora estivesse em uma posição diferente em relação à Revolução Islâmica, finalmente pede-se uma comparação da HQ com o texto de *As Mil e uma noites* presentes no livro didático, colocando em questão as rupturas e permanências no território Persa, atual Irã.

O manual do professor se resume a oferecer trechos de uma matéria de revista que apresenta aos estudantes outros pontos de vista sobre a Revolução Iraniana e as expectativas de resposta às questões propostas.

Já no segundo exemplo trata-se de uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) adaptada, compondo a seção **Prepare-se** (Cap. 12, p. 200), integrante também da seção maior de atividade e exercícios **Amplificador**. Na atividade cuja temática é o caráter do trabalho no mundo industrial há uma tira em quadrinhos dos personagens Frank e Ernst, criados pelo estadunidense Bob Thaves. No livro há um breve texto preambular em que pede que o estudante após uma primeira leitura discuta com um colega sobre as transformações do trabalho advindas com a revolução industrial. No manual do professor encontramos sugestões de como o estudante pode responder essa questão, neste caso ele é indicado a voltar a uma questão anterior com uma temática semelhante.

O exemplo seguinte trata-se também de uma questão do ENEM (Cap. 11, p. 197). Aqui também há por parte do livro didático um breve texto introdutório onde é comentada a importância da imagem como ferramenta de aprendizado e comunicação, pede-se ao estudante que analise e descreva rapidamente a imagem que acompanha a questão antes de propriamente respondê-la. A figura em questão é uma reprodução da capa da edição nº 1 da revista em quadrinhos do Capitão América, onde o personagem aparece derrotando Adolf Hitler. No livro do professor encontramos tão somente uma explicação sobre a questão acompanhada da expectativa de resposta.

As considerações que podemos formular em relação a estas atividades seguem dois caminhos, a questão presente no volume dois emprega a HQ em caráter de ilustração, não abordando a historicidade daquela produção. Já a questão posterior emprega a HQ como uma fonte histórica, realizando comentário sobre sua produção e contexto histórico-cultural, para a partir daí desenvolver a pergunta. O papel do livro didático com os textos de introdução auxilia o estudante, auxilia na compreensão da questão e abre oportunidade para outras reflexões. Sobre o manual do professor aqui ele se limita a breves comentários e a informar a expectativas das questões.

3.2.3.3. O terceiro espaço de análise: Laboratório de projetos

O penúltimo espaço de emergência das HQs por nós escolhido está presente no **Laboratório de projetos**, essa seção, conforme o próprio livro didático tem como objetivo ofertar propostas de trabalho diversos, mais especificamente a análise de uma evidência histórica, leitura e estudo de textos acadêmicos e uma produção a partir da história em quadrinhos articuladora, ela sempre aparece ao fim de cada Unidade (GRANGEIRO, 2016, Vol. 1, p. 304).

Procuramos especialmente estudar as últimas propostas de trabalho, relacionadas a HQ de abertura de unidade. Ao todo são 9 dessas propostas, mas aqui já deixamos a seguinte ressalva, aquela que encerra a Unidade 3 do último volume não contém de fato uma proposta, mas apenas duas páginas de um quadrinho que reúne os personagens dos três volumes numa ocasião em que eles se despedem do leitor, que nesse momento está prestes a encerrar o ciclo da educação básica e prosseguir para outra etapa da vida. Ao todo, encontramos três propostas que envolvem a produção ou a pesquisa sobre HQs, duas delas no primeiro volume e a outra no terceiro. A seguir traremos um comentário resumido dessas propostas nos livros do aluno e do professor.

A primeira que selecionamos (p. 104-105) vai abordar a relação estreita que as HQs têm com outra arte, o cinema. Os personagens da História em Quadrinhos, que são jovens cineastas, são procurados por um professor de História que quer despertar o interesse de seus alunos pela matéria, ele considera o cinema uma boa forma de obter esse resultado. Os produtores propõem então uma palestra que ensine de que

fora são feitos os filmes, como produto os estudantes fariam um *storyboard* em formato de gibi que contivesse os conteúdos estudados em aula.

A partir disso o livro didático traz o passo a passo de um projeto em que espera-se dos estudantes que, em grupo, reproduzam à seu modo a ideia das personagens, realizando uma pesquisa e logo depois uma palestra sobre a produção cinematográfica, voltados para a produção de um *storyboard* em formato de HQ que terá como produto final um gibi que reúna todos os grupos da classe. O manual se restringe a explicar os procedimentos e chamar a atenção do professor para que incentive os estudantes nesse trabalho.

Já a segunda proposta (p. 194-195), de acordo com o próprio livro do estudante tem a intenção de aprofundar o conhecimento deste sobre as HQs, isso será feito através de um ciclo de debates a ser desenvolvido pela classe. São colocados em pauta cinco temas que vão desde a origem das HQs, sua relação com outras artes, até sua estrutura como linguagem, as equipes escolherão um desses temas e confeccionar um texto-base que será distribuído para facilitar o andamento da discussão. Um membro de cada grupo será responsável por escrever uma síntese dos temas. Encerrados os debates essas sínteses serão organizadas em um único catálogo.

As sugestões dadas ao professor aqui são mais detalhadas, para auxiliá-lo e aos estudantes o manual indica que um colega da área de Linguagens e Artes podem ser convidados para trabalharem de forma interdisciplinar, tendo em vista que eles tenham maior domínio sobre a área dos quadrinhos. O papel do professor, segundo o manual será principalmente em orientar a produção das sínteses e do catálogo e estar atento para os debates, observando que as diferentes opiniões sejam respeitadas e o diálogo se mantenha saudável e de acordo com os objetivos propostos.

A última proposta, presente no terceiro volume (p. 112-113), é desenvolvida a partir de uma situação vivenciada pelos personagens, que veem suas atividades diárias impedidas por uma série de problemas envolvendo a tecnologia, como por exemplo, falta de energia elétrica e vírus de computador. Dado isso há um texto sobre a dependência de nossa sociedade dessas máquinas e aparatos tecnológicos, e a proposta é que inspirado nessa HQ e no texto introdutório o estudante pense em como seria seu dia sem esses dispositivos e máquinas, dando ênfase, porém, em formas alternativas de lidar com esses problemas e ter uma vida saudável. O produto final

dessa reflexão pode ser uma HQ, colagem, desenho, entre outros, apenas sugere-se que fuja de um trabalho meramente escrito. Concluídos os trabalhos, será realizada uma exposição reunindo toda a turma.

O livro do professor traz como instrução que o docente dê liberdade aos alunos e lhes oriente de modo que não escapem ao tema e seus objetivos. Esse trabalho, de acordo com o autor didático faz-se necessário em um mundo como o atual em que os indivíduos se encontram em dificuldades de viver distante dos recursos materiais existentes e em valorizar uma relação harmônica com a natureza.

Nessas três atividades percebemos, especialmente no que se refere às duas primeiras, o papel de destaque dado a HQ: os estudantes são motivados não somente a produzi-la, mas a pensar em seu valor como artefato cultural e uma linguagem única, mas que é perfeitamente capaz de dialogar com as outras formas de arte, como a literatura e o cinema. Esse tipo de proposta se encaixa naquilo que afirma Túlio Vilela (2005, p. 128-129), a produção e a apropriação dos elementos das narrativas gráficas pelos estudantes os levariam a um maior envolvimento com a disciplina e seus conteúdos.

3.2.3.4. O quarto espaço de análise: a presença de HQs comerciais

O ponto final de nossa análise nesta coleção se deterá naquilo que identificamos como emergência de HQs de outras origens, afóra aquelas que foram produzidas junto com o livro didático. Encontramos um exemplo desse uso ao longo do texto didático.

No primeiro volume (Cap. 4, p. 62-63), no capítulo dedicado aos povos subsaarianos a introdução apresenta o personagem de histórias em quadrinhos Fantasma, com a intenção de discutir o etnocentrismo e o racismo, há um resumo biográfico dos personagens assim como críticas feitas a HQ devido a seu roteiro que traz uma visão estereotipada dos povos africanos. Numa atividade de avaliação dos conhecimentos prévios pede-se aos estudantes que identifiquem quadrinhos e filmes sobre a África e os africanos que eles já tiveram contato, feito isto eles devem encontrar semelhanças ou diferenças com a narrativa das HQs do Fantasma, a finalização do exercício é que os estudantes elaborem uma síntese do que conhecem

sobre a África no período da Antiguidade, esse texto deverá ser compartilhado com os demais colegas por meio da *internet*.

O manual traz explicações sobre o texto introdutório e a atividade, sugerindo ao professor que apresente, se possível algum filme ou HQ sobre a África aos estudantes, afim de que eles percebam que no geral essas produções culturais trazem uma visão preconceituosa sobre os africanos, retratados comumente como primitivos. Os estudantes devem perceber a África como um continente plural e com povos cuja história precede a chegada dos europeus.

Neste trecho do livro didático é possível ver que a HQ é utilizada como fonte histórica, o material didático faz um resumo da obra e traz críticas a seu conteúdo, ao mesmo tempo que sugere o uso de outras fontes pelo professor, com a finalidade de estabelecer um diálogo entre elas. Este tipo de uso da HQ é bem defendido por Túlio Vilela (2005), os quadrinhos, quando bem abordados, podem servir como instrumento para a compreensão de conceitos, no caso o de etnocentrismo, assim como para se obter um registro de determinado período histórico, aqui aquele em que os europeus mantinham sob seu domínio colonial inúmeros povos africanos.

3.3. Análise do Guia do PNLD

Já concluídas as análises do Edital e da Coleção **Cenas da História** resta-nos trazer a pauta de discussão aquilo que foi fruto das observações e inferências dos avaliadores do PNLD, o Guia das coleções didáticas. Nossas atenções estarão concentradas no parecer deste documento sobre o livro didático no que tange ao uso das Histórias em Quadrinhos como recurso didático e, especialmente, como fonte histórica a ser utilizada em sala de aula.

Logo na visão geral da coleção o guia destaca a valorização que esta dá ao estudo das imagens como fontes históricas e a busca pelo desenvolvimento da capacidade de leitura e interpretação destes artefatos culturais. Destaca-se também o uso e a estima dada às HQs, elementos da cultura juvenil empregados com o objetivo de chamar a atenção dos jovens estudantes para a coleção e os conteúdos históricos nela presentes.

Quando da descrição da obra, a começar pelo manual do professor, os avaliadores comentam brevemente a presença na parte específica de cada volume,

de introduções a cada um dos quadrinhos existentes na coleção (aqueles presentes no começo das Unidades, cabe ressaltar), bem como as orientações, sugestões e indicações de livros, *sites* e filmes, entre outros materiais que possam dar suporte ao docente. Por fim há essa mesma descrição para o livro do estudante, são enumerados as seções, boxes e subseções, sem deixar de mencionar a presença das HQs na abertura das unidades, novamente aqui não é colocada em questão a presença dos quadrinhos dentro dos capítulos.

Ao fazer a análise da obra o Guia explicita a visão de História assumida pelo Manual, como uma ciência histórica que privilegia a formação cidadã e propõe o estudo do passado a partir de questões do presente. O docente, segundo a percepção dos avaliadores, é colocado pelo manual como um mediador, que detém autonomia para adaptar a coleção as necessidades da sala de aula. O manual não se furta também de trazer contribuições para a prática didático-pedagógica, bem como de propor o trabalho interdisciplinar, a ressalva do Guia é que, apesar de fazer defesa desse tipo de abordagem não são trazidos os debates teóricos-metodológicos dessas relações entre as áreas do conhecimento.

É chamada a atenção também para a forma que o manual vê o processo avaliativo, que este seja de forma contínua, contemplando as diferentes competências e habilidades dos estudantes. Por fim é lembrada a maneira como é incentivado o uso das imagens no ensino-aprendizagem de História, seja com forma de determinar conhecimentos prévios dos alunos seja como proporcionar a capacidade de leitura e interpretação visual nestes atores escolares.

No que se refere ao conteúdo prático para a coleção o Guia enfatiza o uso das fontes históricas, empregadas como ferramentas de combate a visões da História tidas com verdades absolutas, ao mesmo tempo em que se requer do estudante novas perspectivas e explicações para determinado tema. A compreensão dos avaliadores é, portanto, que o livro didático defende uma História plural, com processos de rupturas e de permanência, e narrativas passíveis de modificações. A finalidade desta abordagem é estimular o respeito, a tolerância e compreensão por parte do leitor, para com seus pares do presente e para com as experiências daqueles que o precederam.

Em relação à proposta pedagógica, os avaliadores concluem que o material didático busca superar métodos de aprendizado pautados na memorização, ao invés disso sai em persecução da construção do conhecimento de uma forma coletiva,

partindo de situações-problema da realidade dos estudantes. As propostas além disso, envolvem a pesquisa e produção ligadas a artefatos culturais juvenis, como HQs, filmes, músicas e mídias digitais. Os exercícios seguem este mesmo objetivo, propondo análises, interpretações, pesquisas e debates, a fim de desenvolver habilidades e competências, além o raciocínio histórico.

A seguir a análise dá ênfase a temáticas que a coleção traz, como gênero, direitos humanos, violência, a história dos povos africanos e afro-brasileiros, a questão racial e a história dos povos indígenas do Brasil. Uma crítica é feita quanto a este último item, o Guia conclui que pouco espaço é dado aos povos indígenas brasileiras, restringindo-se principalmente a sua presença no período colonial, sendo pouco mencionados no atual contexto social do país. Quanto ao projeto gráfico-editorial, último ponto tratado pelos avaliadores na análise, há elogios a presença das imagens ao longo do livro, segundo o guia, colocadas de forma harmônica com o texto didático, contribuindo para uma melhor compreensão do mesmo.

Referindo-se em último lugar ao uso em sala de aula desta coleção didática o Guia cita como pontos fortes a presença das HQs, que estimulam o aluno quanto aos conteúdos e aprendizado da disciplina, esta mesma ênfase é dada a enorme profusão de imagens no material, parte deles produzidas especialmente para estes livros. As atividades são também elogiadas, pelo fato de trazerem os estudantes a uma reflexão crítica e análise de evidências históricas. Outro destaque é dado as seções **O Passado em uso** e **Laboratórios de Projetos**, que trazem análise de fontes históricas e incentivam a produção de materiais diversos.

Críticas são feitas a falta de subsídios para a realização das atividades interdisciplinares e a limitação quanto aos estudos dos indígenas, cabendo ao professor preencher essas lacunas por meio de pesquisas. A compreensão final do Guia sobre a coleção é de que ela proporciona a visão da História como algo vivo, dinâmico e plural.

A partir desta leitura e síntese daquilo que é trazido pelo Guia do PNLD 2018 sobre a coleção **Cenas da História**, percebemos que os avaliadores destacam a presença das HQs no material, no entanto, se restringem àquelas de início de unidade e as sugestões de confecção nos exercícios e **Laboratório de Projetos**, enquanto que as que estão no interior dos capítulos e seu papel ligado a algumas atividades não é mencionado. O Guia, portanto, se furta de inferir sobre outras possibilidades

existentes na coleção, limitando a análise a apenas alguns aspectos da emergência e emprego das Histórias em Quadrinhos pela coleção didática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluído o processo de análise de nossos objetos, Edital e Guia do PNLD 2018 e Coleção **Cenas da História**, desejamos ter com esse trabalho, contribuído, mesmo que de modo elementar, com o campo de estudo das Histórias em Quadrinhos aplicados ao ensino-aprendizagem de História.

Diante dos resultados obtidos, nos vemos na possibilidade de tecer comentários sobre o que foi descoberto sobre a presença e uso das Histórias em Quadrinhos nestes objetos. Posto isso traremos aqui nossas colocações, impressões e inferências de um modo geral. Dispusemo-nos também a trazer sugestões, no caso da coleção didática, tendo em vista melhorias quanto a construção de uma proposta de uso das HQs.

Percebemos que, embora a coleção se destaque frente as demais por proporcionar às HQs um espaço de emergência considerável em seus livros didáticos, investindo inclusive na confecção de narrativas gráficas exclusivas para o material, o emprego do potencial dessas produções, porém, fica aquém das possibilidades oferecidas pela nona arte. O papel das Narrativas gráficas de abertura das Unidades e no interior dos capítulos como elementos que dialogam com os estudantes e suas realidades cumprido de forma satisfatória, ultrapassando os limites do uso como ilustração, pois estas produções acabam por acrescentar novas informações sobre os conteúdos da disciplina, bem como levantar questionamentos afim de levar os jovens alunos a refletir sobre aspectos da História como no sentido da narrativa e do fazer historiográfico. Outro fator que pode ser destacado quanto a essas HQs é sua ênfase em tratar de temas como etnocentrismo e pluralismo cultural, assim como valores tais como democracia e direitos humanos, isso é feito através de uma linguagem de fácil entendimento e que busca o envolvimento do leitor.

Porém, nossa principal crítica quanto a essas Histórias em Quadrinhos está na falta de instrumentalização do professor, que não obtém, por parte do manual, muitas propostas de como trabalhar com esse material em sala de aula, ou seja, o potencial dessas produções não é utilizado como deveria. Infelizmente, essa carência de material que informe o docente sobre a linguagem das HQs, com a intenção de lhe oferecer uma maior diversidade de possibilidades em relação ao ensino de História envolvendo quadrinhos é o ponto fraco da coleção **Cenas da História**, que acaba por

afetar profundamente a qualidade do trabalho a ser desenvolvido, limitando seu uso em sala de aula.

Nos exercícios e atividades visualizamos um bom leque de propostas, especialmente aqueles contemplados na subseção **De Olho na HQ** e nos **Laboratórios de Projetos**. Nestes locais há o incentivo a realização de pesquisas sobre a compreensão do que se tratam as Histórias em Quadrinhos, sua relação com outras artes, aspectos de sua produção, assim como proposições quanto a elaboração de Histórias em Quadrinhos pelos estudantes, dando ênfase ao trabalho coletivo. A distribuição de forma mais ou menos equitativa dessas atividades ao longo dos volumes, é um fator bastante positivo, ainda que seu número seja pequeno caso o professor decida avaliar ao longo do ano letivo melhorias na capacidade narrativa dos estudantes. Novamente mencionamos aqui a falta de material preparatório para o professor quanto ao uso das HQs em sala de aula, o que torna mais difícil a tarefa de orientar os estudantes, especialmente se o professor já demonstrar de antemão desinteresse nesse tipo de trabalho, que pode ser deveras desafiante. A falta dessas leituras complementares para o docente prejudica inclusive quanto a falta de reflexão sobre as narrativas gráficas confeccionadas, o que pode reduzir a experiência da escrita a uma lógica meramente produtiva.

O último ponto que nos coube mencionar no que se refere à coleção é a presença de Histórias em Quadrinhos oriundas do espaço de publicações que há no mercado, algo que é trazido de forma bastante reduzida, o resultado disso é a restrição do uso de HQs como fonte histórica, algo que não pode ser suprido por aquelas pertencentes ao material didático, já que alguns quadrinhos merecem atenção justamente pelo contexto histórico em que foram produzidos, o que não cabe numa narrativa oriunda do próprio livro. É justamente esse potencial educativo para o ensino de História presente nas HQs comerciais que a coleção não investe a não ser em raras oportunidades. Cabe aqueles responsáveis por este trabalho buscarem mais referências às HQs comerciais, o que não será uma tarefa difícil, especialmente quando se leva em conta o crescente mercado editorial de Histórias em Quadrinhos e a enorme profusão de títulos, nacionais e estrangeiros, publicados todo ano em nosso país. Muitas dessas produções têm como principal fio condutor a narrativa histórica, e mesmo quando não têm essa vertente, tratam-se de HQs produzidas em

determinados contextos histórico-culturais que podem ser demasiado úteis como ferramentas de aprendizado para o docente.

Quanto ao conteúdo do Edital e do Guia do PNL D, nós observamos que, mesmo concedendo importância a HQ, junto com outras fontes históricas e linguagens, ainda há questões não muito bem abordadas quanto a seu uso, especialmente no que tange ao Guia que, ao analisar a coleção **Cenas da História**, deixou de trazer à discussão espaços de emergência das Histórias em Quadrinhos comerciais que contém potencial para o ensino de História, ao mesmo tempo em que não criticou o pouco espaço dados a atividades de análise da HQ como fonte histórica. Já no edital, há algumas ausências, como, por exemplo, menção às Histórias em Quadrinhos quando da listagem de fontes históricas a serem incluídas no livro do estudante, apesar de mencionar as charges.

As impressões e resultados que obtivemos através desta pesquisa revelam que, felizmente, estamos vivenciando um cenário em que a HQ deixou há muito de ser marginalizada e tratada como prejudicial à juventude e inimiga do aprendizado. Junto a isto vemos aumentar o número de produções acadêmicas nesse campo, todavia, ainda há lacunas a serem preenchidas e nosso trabalho se dedicou ao estudo de algumas delas, cremos que com isso tenhamos somado de alguma maneira com a expansão desta “ilha” do conhecimento que envolve o uso das Histórias em Quadrinhos atrelado ao Ensino de História. Dentre as questões que acreditamos que possam ser analisadas a posteriori, por nós ou outros pesquisadores da área, estão a ampliação das pesquisas envolvendo o livro didático de História para outras coleções do PNL D, incluindo aí as do Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, bem como a necessidade de se compreender a recepção que os estudantes fazem dessas HQs existentes nos livros didáticos.

Todas essas possibilidades de pesquisa visam alcançar num futuro, que esperamos estar demasiado distante, tais objetivos: o aperfeiçoamento dos materiais didáticos rumo à um melhor uso das narrativas gráficas, o fortalecimento do uso das HQs como fonte histórica, como também o incentivo à produção de narrativas gráficas pelos estudantes aliado a uma reflexão sobre essa escrita, afim de que sirva para estes jovens estudantes como um meio para o desenvolvimento do pensamento histórico, dotando-os de mais ferramentas para uma leitura mais complexa da realidade, objetivando sua transformação por meio da participação cidadã.

5. FONTES

BRASIL. **PNLD 2018**: história – guia de livros didáticos – Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica, 108 p., 2017.

GRANGEIRO, Cândido. **Cenas da História**. 1ª ed. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Edital de convocação 04/2015 - CGPLI. **Edital de convocação 04/2015 - CGPLI**: Edital de Convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2018, Brasília, p. 75, 2015. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/7932-pnld-2018>. Acesso em: 23 nov. 2018.

6. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BERTOLINO, Mateus. **Das HQs à imaginação histórica**: reflexões sobre o ensino de História. 102 f. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Federal Fluminense, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BONIFÁCIO, Selma de Fátima. **História e(m) Quadrinhos**: análises sobre a História ensinada na arte sequencial. n/i. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2005.

CAIMI, Flávia Eloísa. O livro didático no contexto do PNLD: desafios comuns entre as disciplinas escolares. *In*: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 10., 2014, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: s. n, outubro de 2014. p. 1-16. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/646-0.pdf. Acesso em: 24 de nov. de 2019.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa**. São Paulo, p. 549-566, set./dez. 2004.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**. ano XXIII, nº 79, Agosto/2002.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. Linguagens de Clio: práticas pedagógicas entre a literatura e os quadrinhos no ensino de História. **Revista História Hoje**. v. 5, nº 9, p. 285-308, 2016.

FRONZA, Marcelo. **O significado das histórias em quadrinhos na educação histórica dos jovens que estudam no ensino médio.** 170 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2007.

_____. As Narrativas Históricas Gráficas como Expressão da Aprendizagem Histórica de Jovens Estudantes do Ensino Médio: perspectivas da educação histórica. **Revista História Hoje.** v. 4, nº 8, p. 81-103, 2015.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Histórias em Quadrinhos e Ensino de História. **Revista História Hoje.** v. 6, nº 11, p. 147-171, 2017.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** 1ª ed. São Paulo: Makron Books, 1995.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOBANSKI, Adriane de Quadros [et al]. **Ensinar e aprender História:** histórias em quadrinhos e canções. 1ª ed. Curitiba: Base Editorial, 2010.

VELOSO, Roberta Marcelino. **Imagens de uma escrava rebelde:** raça, gênero no ensino de História. n/i. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. Os quadrinhos na aula de História. *In:* RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história:** avanços, desafios e limites. 2012. 319 f. Dissertação (Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.